

Ser selvagem para a morte, entre árvores e esquecimentos

Fábio Fonseca de Castro

11 de setembro de 2008

A proposta de fazer uma sociologia das ausências, colocada pelo professor Boaventura de Souza Santos, é uma tentação a todos os que produzem algum tipo de reflexão sobre o espaço amazônico. A conjuntura dessa tentação com a realização, em Belém, do Fórum Social Mundial – espaço do qual o referido professor é um participante militante e histórico, ressalta, mais que a vontade, a imposição de que seja feita.

Isso porque a Amazônia é, em larga medida, uma ficção de espaço e de história. Uma ficção imposta e domesticada por interesses colonizadores que, atualmente, apenas se renovam. Uma ficção que procura concatenar, não sem desvairio, uma imensidão de geografia sobre um punhado de história.

Uma sociologia das ausências amazônicas estaria em reconhecer, em primeiro lugar, o fascismo territorial com que a região é tratada pelas forças tutelares que sobre ela incidem. Outro elemento necessário para essa sociologia seria a percepção da condenação da Amazônia, e dos que a habitam, a um estado de *suspeição selvagística*. Brasileiros *et alitii* que aqui chegam para o Fórum Social Mundial trazem consigo uma espécie de utopia negativa que divide o país em zonas civilizadas e zonas selvagens. Isso é fruto das ausências presentes no sistema educativo-cultural brasileiro,

cujo olhar, imperioso, ainda se deixa mitificar pelo paradigma de um lusotropicalismo falso, precário e peça chave do colonialismo interno do estado brasileiro.

Um verso de Fernando Pessoa menciona uma espécie de condenação que, nos parece, é peculiar à condição de todo amazônida: “*ir ser selvagem para a morte, entre árvores e esquecimentos*”. O fascismo territorial com que a Amazônia é enxergada é reproduzido, ao rigor do infinito, pela própria sociedade amazônida. Esta se deixa mistificar, com muita docilidade, pelo ideário neoliberal.

A esse propósito, ainda há alguns dias, comentávamos com colegas que a imprensa local só se tem interessado pela estrutura do Fórum, e não pelo próprio Fórum. As perguntas de que essa imprensa é capaz são simplistas: quem fez? Quem pagou? Quem vem? Quem chegou? Ora, esses questionamentos são ridículos em relação ao que está em discussão e apenas demonstram nossa auto-colonização e nossa predisposição à passividade histórica. Os grandes temas do FSM, mesmo os de interesse vital para a região, não são pautados na imprensa de grande circulação.

Para que devemos fazer uma sociologia das ausências amazônicas? Para mapearmos os mecanismos que tolgem

o fato social, a pulsão social e a história social da Amazônia. É preciso polir a superfície gasta da história e fazê-la refletir nosso rosto – e não mais aquele rosto, que não é nosso, mas que o metal da história, entre suas quimeras, reflete. É preciso recuperar a história que foi apagada – porque a história que conhecemos é a versão dos vencedores. É preciso revalidar as experiências que foram desperdiçadas.

Seguindo ainda o caminho aberto pelo professor Souza Santos, precisamos identificar as monoculturas que cultivam nossas ausências. E, nelas, os canais que irrigam a nossa ignorância. Precisamos contar nossa própria história e aprender a fazer a auto-crítica – esse mecanismo improvável da razão.

Elas são cinco, as monoculturas de nossa ignorância amazônica:

Em primeiro lugar, a monocultura do nosso saber. Isso equivale ao academicismo prosódico, dominado por um paradigma epistemicista segundo o qual só é válido o conhecimento que é produzido segundo as regras e o formato estabelecido por um padrão dominante que, em geral, corresponde a um modelo lógico eurocêntrico, o mais freqüentemente racionalista e cartesiano. Superar essa monocultura significa trazer, para a academia, o saber autóctone, uma lógica que, inclusive na sua forma narrativa, demanda a quebra das regras e formatos.

Em seguida, a monocultura da nossa história, que é o paradigma que apresenta a história como uma seta linear e que tem um único motor: o progresso. Tal foi o argumento para a ocupação de inúmeros territórios amazônicos, como Rondônia, a Serra de Carajás e a Transamazônica. Todas elas experiências socialmente fracassadas. Superar esse paradigma significa reconhecer a importância do capital social e da formação de redes sociais,

valorizando as pessoas no contexto do seu espaço e com a admissão de seus processos de produção.

Em terceiro lugar, a monocultura da nossa política, equivalendo isto ao truque solipsista das mentalidades mais conservadoras de confundir causa e consequência e, assim, inverter a ordem lógica dos processos sociais. É por meio desta monocultura que se inverte, por exemplo, a idéia do pacto federativo e a Amazônia – a extensão simbólica contemporânea do estado do Grão-Pará – passa de uma condição de igual à condição de derivada. Faz-se necessário questionar as hierarquias, confrontar permanentemente o poder, desmeduzar as hipóteses.

Em quarto lugar, a monocultura da nossa geografia, ou seja, a crença, aparentemente generalizada, de que a globalização constitui um processo simplista de padronização, o que reduz a Amazônia a um espaço de conexão, vazio de força interna e pobre de identidade. Superar essa percepção exige o reconhecimento da complexidade regional e uma postura mais crítica dos agentes de integração, dentre os quais os profissionais da cultura e da imprensa, por exemplo, que deveriam abandonar sua estratégia de “inserção nas regras” – e na economia escalonada – por uma postura simplesmente criativa.

E, enfim, a monocultura da nossa economia, que despeita toda forma de produção que não obedeça à lógica de um determinado mercado e, especificamente, do fetiche do consumo. Também aqui é preciso recuperar o saber autóctone e valorizá-lo. É preciso repudiar a perversão colonialista que define o valor conforme a expectativa da demanda – apesar do discurso em contrário dos que têm essa prática.

Efetivamente, uma sociologia das ausências amazônicas impera que

botemos, neste espaço que é o Fórum, as palavras no seu lugar certo. O vocabulário neoliberal codificou a verdade das coisas e transformou, por exemplo, imperialismo em “mercado global” e subdesenvolvido em “emergente”. Quando demandamos que se recupere a experiência social desperdiçada pedimos, na verdade, que se coloquem as idéias no seu lugar certo.

Não há problema algum em ser uma ficção de lugar e de espaço, tampouco uma ficção de história. O mundo inteiro é isso e assim se reproduz. Porém, é fundamental ser narrador da própria história ou, ao menos, discutir a outorga dela. O Fórum que se realiza em Belém oportuniza, se Belém desejar, muito mais que mostrar a cidade e a Amazônia ao mundo, que Belém e a Amazônia se mostrem a si mesmas, se reencontrem, polindo a superfície opaca de sua história.

É acreditando nessa possibilidade que fazemos esta publicação. Esta revista contém entrevistas com pesquisadores da Amazônia, gente que aqui vive, respira, defeca e ama. Selvagens na sua morte, na sua distância e, por vezes, no seu isolamento, esperamos que suas palavras ecoem neste espaço de encontro que é o Fórum Social Mundial, ainda que por dentre árvores e esquecimentos.